

PAPO DE CAROL/ PAPO DE CAPITU: TRANSFICCIONALIZAÇÃO DAS PERSONAGENS MACHADIANAS NAS REDES SOCIAIS DO SÉCULO XXI

Marina Leite Gonçalves (UFJF/CEFET/MG)
Orientador: Rogério de Souza Sérgio Ferreira (UFJF)

RESUMO: Adaptar o clássico machadiano é um desafio que se renova a cada época. Pode-se contar a história da literatura de Machado de Assis, neste início de segunda década do século XXI, em termos das práticas adaptativas e intertextuais, à medida que as novas mídias tecnológicas e a criatividade alternativa, aliadas ao alcance da *Web 2.0.*, possibilitam a apropriação e o trânsito de suas narrativas no universo do ciberespaço. Este estudo tem como objetivo analisar a *Websérie Papo de Carol*, projeto experimental de narrativa transmídia, realizado pelos acadêmicos do Curso de Jornalismo e Relações Públicas da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), a partir do texto literário do escritor do século XIX. Nosso encontro com essa apropriação ciberespacial da narrativa *D. Casmurro* traz desafios para se entender os diálogos com a arte literária na era da convergência. Ao evocar a narrativa machadiana e relê-la no contexto das plataformas *online*, a adaptação transmídia *Papo de Carol* convida-nos a compreender a tradição do clássico nacional em meio à ubiquidade e multiplicidade de mídias e gêneros, estabelecendo uma conexão entre a trama narrativa que encontramos em *D. Casmurro* e os meios de comunicação contemporâneos.

PALAVRAS-CHAVE: *D. Casmurro*, Ciberespaço, Narrativa Transmídia.

Certas personagens da literatura são tão memoráveis que possuem o poder de promover novas ideias e emergir novas construções artísticas. Machado inventou Capitu e a personagem machadiana, por sua força interpretativa, tornou-se uma profícua candidata a variadas apropriações. Conseguiu transcender o tempo e espaço do século XIX e chegar a outros contextos específicos de criação e recepção. Na cultura da convergência de mídias, a personagem de Machado traduz uma *vlogueira* adolescente, de nome Carol, que utiliza os canais da *Web2.0.*, para contar do ciúmes de seu namorado Bentinho. A *Websérie Papo de Carol* foi, segundo seus idealizadores, um projeto desenvolvido por alunos da Universidade Federal de Alagoas para apresentar, na prática, o conceito de narrativa transmídia.

Aliada ao ambiente da cultura participativa, para Henry Jenkins, pesquisador dessa modalidade de narrativa midiática desde as primeiras décadas do século atual, o público consumidor de mídias são os agentes criativos principais na constituição do

universo ficcional transmídia. No contexto de convergência, o estudioso das mídias aponta dois fatores que alimentam o processo de transmídiação: o tráfego fluente de conteúdo midiático por diversas plataformas e a facilidade que o público consumidor tem de apropriar-se das redes sociais para envolver, consumir, divulgar e propagar esses conteúdos midiáticos. Jenkins utiliza o fenômeno *Matrix* para explicar o conceito de narrativa transmidiática:

Uma história transmidiática se desenrola através de múltiplos suportes midiáticos, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo. Na forma ideal de narrativa transmidiática, cada meio faz o que faz melhor – a fim de que a história possa ser introduzida num filme, ser expandida pela televisão, romances e quadrinhos; seu universo possa ser explorado em games ou experimentado como atração de um parque de diversões. Cada acesso à franquia deve ser autônomo, para que não seja necessário ver o filme para gostar do game, e vice-versa. Cada produto determinado é um ponto de acesso a franquia como um todo. (JENKINS, 2008, p. 135).

Marie-Laure Ryan, pesquisadora no campo da narratologia e da cultura digital, no artigo “Narrativa Transmídia e Transficcionalidade” (2013), observa que narrativas definidoras de cultura entre mídias não é um processo tão recente como parece ser. Basta observarmos o trânsito e disseminação da mitologia grega em várias mídias artísticas (escultura, arquitetura, drama, épica) ou as narrativas bíblicas na Idade Média e suas múltiplas recorrências em recontos orais durante os sermões, encenações dramáticas da paixão, ilustrações em pinturas e vitrais, para percebermos que o fenômeno caminha através dos tempos. A pesquisadora explica que o termo se tornou popular, hoje, devido a revolução digital nos últimos cinquenta anos, principalmente com popularização de mídias e a “habilidade tecnológica de codificar e transmitir com eficiência todos os tipos semióticos de informação.” (RYAN, 2013, p.96).

Ryan situa a narrativa transmídia em dois polos. O primeiro polo, denominado de efeito “bola de neve”, refere-se a capacidade de uma narrativa se popularizar de tal forma ou de se tornar tão eminente na cultura, a ponto de gerar uma variedade de “prequelas e sequências, ficção de fãs e adaptações, seja na mesma mídia ou entre mídias.” A autora cita como exemplo desse gênero, *Harry Potter* e *Lord of the Rings* (*O Senhor dos Anéis*), que tiveram suas origens no romance criado por uma única autoria e mais tarde se expandiram para filmes e jogos de computador. O segundo polo trata-se, segundo Ryan, de um fenômeno mais recente. Está relacionado a projetos, cuja história é concebida com a intenção predeterminada de se desenvolver sobre diferentes plataformas

de mídia. Os universos narrativos “se tornam franquias comerciais, e o interesse de suas criadoras é fazer com que o público consuma tantas mídias quanto possível.” (RYAN, 2013, p. 97).

Ryan explora a ideia de narrativa transmídia fundamentada nos estudos narratológicos de transficcionalidade – “migração de entidades ficcionais de diferentes textos, que podem pertencer à mesma mídia, em geral à ficção narrativa escrita.” A narrativa transmídia, segundo Ryan, pode ser encarada como um caso de transficcionalidade – uma transficcionalidade que opera entre muitas mídias diferentes. (RYAN, 2013, p.99). No tocante a quais tramas e personagens que se poderiam conceder a projetos transmídias, Marie-Lauren Ryan comenta que criar uma personagem que possa dar base a várias narrativas, seria criar um indivíduo ficcional capaz de possuir vida própria de tal forma que instigaria a usuária a imaginar como essa personagem reagiria em diversas circunstâncias. Para autora

para que embase um amplo sistema narrativo, o universo ficcional deve ainda apresentar diversidade. Isso não quer dizer que precise necessariamente abarcar um território amplo; quer dizer que o universo precisa ser imaginado por suas criadoras com muitos detalhes, para que seus vários aspectos sejam descritos em diferentes documentos. Se *Lord of the Rings* teve tanto sucesso ao atravessar múltiplas mídias, isso se deu em parte porque fora imaginado por seu autor com mais minúcia do que outros universos fantásticos, tais como os universos de cada conto de fada. (RYAN, 2013, p. 121-122)

A *Websérie Papo de Carol*, embora seja apenas um caso amador de narrativa transmídia, representa os diálogos com a arte literária na era da convergência. Diante da dimensão coletiva e participativa do público que leva o clássico machadiano a atravessar múltiplas mídias e a dialogar com esse contexto convergente de novos gêneros textuais, não se pode negligenciar o óbvio: as narrativas machadianas estão presentes nas adaptações transmídia. Não como projetos amplos, concebidos desde o início como narrativa transmídia e convergente por grupos de profissionais especializados em entretenimento e consumo, para ser expandido como universo único através de diversos documentos como no caso da franquia *Matrix*, analisado por Jenkins; mas, por sua força narrativa que a popularizou entre o público nacional, a ponto de gerar uma variedade de apropriações de seus personagens e trama e levá-la até as mídias e gêneros gerados no universo do ciberespaço. De acordo com seus idealizadores, *Papo de Carol* (2014) foi concebido como um projeto experimental de transficcionalizar a obra *Dom Casmurro*,

utilizando o conceito de transmídia, proposto por Jenkins em *A Cultura da Convergência*. Os realizadores do projeto fazem, assim, uma releitura modernizada da história de Bentinho e Capitu nas redes sociais do século XXI.

Para atender a perspectiva de um conteúdo transmídia, os adaptadores amadores utilizaram mais de um gênero midiático na produção da *Websérie*. Dividida em dois momentos, na primeira parte, foram produzidos três curtos episódios em formato de *videoblog*, no qual a *vlogueira* ou *Youtuber* Carol, interpretando a personagem Capitu, relata sobre alguns acontecimentos de seu cotidiano, inclusive, os ciúmes de seu namorado Bento. Essa primeira parte da narrativa foi publicada e divulgada no *site* de vídeos *YouTube*, em 28 de novembro de 2014, no endereço <https://www.youtube.com/watch?v=KwnBXX9icrA>. A segunda parte, para fazer a história deslizar por outras mídias, é proposta uma interação por meio das redes sociais *Twitter*, *Instagram* e *Tumblr*. Para isso, são criadas contas sociais para as personagens internautas machadianas: Carol Pitusck (Capitu), Bento Santiago e Rodrigo Escobar.

Twitter: <https://twitter.com/CaPitusck>

Instagram: <http://instagram.com/capitusck>

Twitter: https://twitter.com/santiago_bento

Twitter: <https://twitter.com/rodrigoescobaar>

Instagram: <http://instagram.com/rodrigoescobaar>

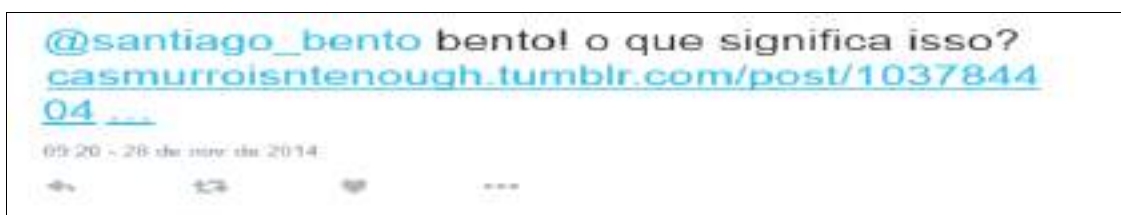
Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=KwnBXX9icrA>.

Acesso em 12/03/2016.

Para Hutcheon, “os diferentes gêneros e mídias dos quais e para os quais as histórias são transcodificadas no processo de adaptação não são apenas entidades formais, eles também representam modos distintos de interagir com os públicos (Hutcheon, 2013, p. 15). *Papo de Carol* é basicamente a história de uma jovem fictícia, que recorre a um canal do *YouTube* para contar sobre seu relacionamento conflituoso com o ciumento Bentinho, comportamento muito comum entre os jovens internautas. A produção independente e amadora contemporanealiza as personagens de Machado numa perspectiva de uma geração de internautas. Expande, assim, o universo narrativo da obra machadiana ao propor uma leitura em interação com um público de jovens que assistem a *Webséries* e navegam pelas redes sociais em busca de entretenimento. Ao tratar da adaptação como processo transcultural, Hutcheon observa que o contexto é fator condicionante do significado da adaptação “transculturada”: “Em nome da relevância, os adaptadores buscam a recontextualização ou reambientação “correta”. Isso também é uma forma de transculturação. (HUTCHEON, 2013, p. 197).

Na ciberadaptação *Papo de Carol* o material da narrativa do século XIX é recortado e ressignificado para que se construa sentido no ambiente das redes sociais do século XXI. A história do casal machadiano é construída a partir do diário virtual de Carol (Capitu). No primeiro episódio, Carol (Capitu) diz ter ido até o *Youtube* para desabafar sobre “Relacionamentos à distância”. Bentinho, seu namorado, encontra-se fazendo intercâmbio, movimento muito comum entre os jovens universitários contemporâneos, o que tem provocado algumas situações complicadas entre o casal, pois, ao contrário da confiança que a mocinha tem no rapaz, este parece colocar em dúvida o comportamento despojado e badalado da namorada. É a introdução do grande tema do amor frustrado pelo ciúme que secularizou a narrativa machadiana.

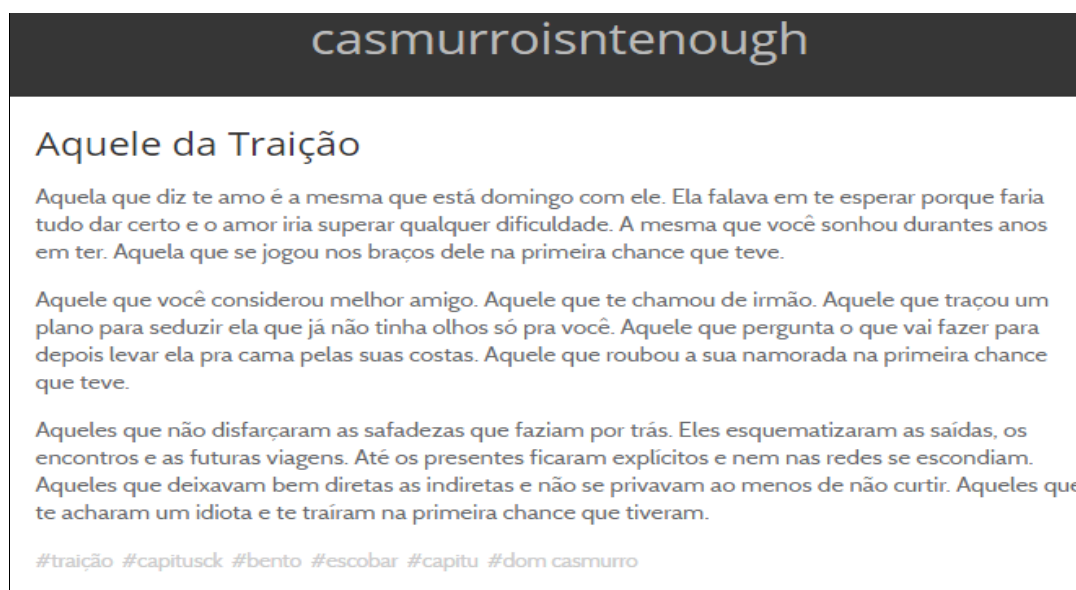
No segundo e terceiro episódios, a *vlogueira* machadiana põe em destaque as crises de ciúmes de Bentinho. A ciberadaptação, portanto, desloca no tempo e no espaço as questões abordadas por Machado de Assis no romance: o papel da mulher na sociedade mudou, mas o ciúme, inspirado no feminino como propriedade do masculino ainda vacila nas relações. Em seu diário, Capitu vlogueira diz ser vítima do *nonsense* Bentinho, que cria as mais banais desconfiças, como implicar com o fato dela ser admiradora da banda de rock britânica de Liverpool, *The Beatles*. Em uma de suas confissões, Carol (Capitu) demonstra sua indignação por seu namorado ciumento tornar públicas suas desconfiças, publicando no *Tumblr* fatos que envolvem a intimidade do casal, inclusive suas suspeitas da infidelidade dela. As acusações de Bentinho, segundo Carol (Capitu), envolvem o nome de Rodrigo Escobar, amigo que Bentinho conheceu quando estava fora do país, fazendo intercâmbio. É a própria vlogueira que nos conecta às publicações do namorado Bentinho por meio de um link em seu *Twitter*:



Twitter de Carol Pitusck (Capitu) <https://twitter.com/CaPitusck>. Acesso em 12/03/2016.

O leitor/internauta percebe que há informações importantes ou até elucidativas nessa outra rede social sobre a história que está sendo contada. Interessado e curioso sobre os conteúdos indiscretos produzidos pelo namorado ciumento, segue o *link* para caçar essas informações. Por que a mocinha machadiana da era digital está tão indignada? Que tipo de difamações Bentinho estaria divulgando nas redes sociais do século XXI sobre ela

e o amigo Escobar? Tão curioso quanto o leitor da narrativa impressa de ontem, o leitor da narrativa digital de hoje conecta-se ao *Tumblr* do inseguro rapazinho machadiano para se inteirar dessas acusações:



Tumblr de Bentinho - <http://casmurroisntenough.tumblr.com/> Acesso em 12/03/2016

Se os relatos de Carol (Capitu) no vlog constroem um Bentinho inteiramente tomado pelos fantasmas do ciúmes; no *Tumblr* de Bentinho, a *vlogueira* machadiana é colocada sobre suspeitas de infidelidade. A Capitu virtual tem sua reputação ameaçada e será julgada não só por Bentinho, mas também pela comunidade *online*. Na era digital e da *Web 2.0.*, o Bentinho machadiano é aquele que expia, vigia e junta as provas da traição da companheira e de seu melhor amigo por meio das redes sociais. Os diálogos entre Carol (Capitu) e Rodrigo Escobar no *Twitter*, as curtidas e comentários nas fotos e vídeos do *Instragram* são explorados por Bentinho como sinais de traição, “infidelidade que não se escondia nem nas redes sociais”, segundo o Bentinho virtual.

A estratégia de citar a plataforma digital *Tumblr* incorpora tanto a proposta de se produzir uma invenção criativa transmidiática quanto a finalidade de envolver os leitores/internautas com a releitura da obra machadiana, uma forma sutil de despertar a curiosidade do leitor/espectador sobre os conteúdos dos *posts* disponibilizados por Bentinho em sua página pessoal na internet. A experiência transmidiática permite rastrear e acompanhar os dilemas das personagens internautas machadianas também pelas contas do *Twitter* e *Instagram*. Nas interconexões entre os diversos textos de *Papo de Carol*, permanece o fabular de uma narrativa que joga em manter os fatos nos planos do subentendido, da insinuação. Embora, a palavra tenha sido dada a Capitu, que pode manipular os fatos conforme suas verdades, como ocorre com Bentinho na narrativa do

romance *D. Casmurro*, as outras plataformas contribuem para juntar a história num todo mais complexo.

Interagir com as outras redes sociais, esclarece que Carol (Capitu) e Rodrigo Escobar tinham mais afinidades que ela e o namorado Bento Santiago. A capa do *Twitter* de Rodrigo (<https://twitter.com/rodrigoescobaar>) e de Carol (<https://twitter.com/CaPitusck>) compartilham imagens da banda dos *The Beatles*, também somente Rodrigo Escobar e Capitusck (Capitu) se interagem nas contas do *Instagram*, deixando o desconfiado Bentinho de fora de seus compartilhamentos e diálogos nessa rede social. Na hipótese de Bentinho está inventando um comportamento suspeito para a sua Capitu e o amigo de intercâmbio Rodrigo Escobar, os elementos encontrados, nas redes sociais, expandem os significados e as conexões intertextuais com a narrativa do século XIX, colocando, novamente, o leitor machadiano, agora também espectador e internauta, a refletir eternamente a cruel dúvida da traição.

A mocinha machadiana da era digital compartilha com o amigo de seu namorado Bentinho vários *post* com inscrições bem sugestivas. Em uma dessas postagens a imagem vem seguida do link @rodrigoescobar #bentinho. Poderia a infidelidade de Capitu ser sustentada com os argumentos da mídia digital? Ao clicar no link #bentinho, o leitor/internauta é direcionado ao canal do *Instragam* #bentinho, plataforma <https://www.instagram.com/explore/tags/bentinho/>, no qual aparecem uma abundância de conteúdos e alusões relacionados ao termo “Bentinho”, tornando, à primeira vista, quase impossível identificar as pistas que nos levem à personagem ou ao contexto da narrativa adaptada. Cabe ao leitor, em meio ao labirinto de postagens de fotos e vídeos, investigar aqueles que dialogam com o hipertexto eletrônico *Papo de Carol* e com a narrativa clássica da qual a ciberadaptação se apropria. Quando o leitor atende a expectativa de seguir explorando as conexões, buscando pistas no emaranhado de outros hipertextos da rede *online*, consegue conectar as ações das personagens da *Websérie* aos sentidos da narrativa do século XIX.

As imagens ambientadas na *Web 2.0.*, em diálogo com o universo da obra *Dom Casmurro*, são o resultado do trabalho coletivo de internautas que espalham a história da narrativa machadiana pela mídia *online* e que é aproveitado pelos idealizadores da *Websérie Papo de Carol* na construção de sentido da narrativa digital. A ciberadaptação é costurada com diversos outros intertextos, cujos leitores/internautas, de posse dessa biblioteca digital de referências machadianas, poderão fazer suas próprias inferências através da variedade de arcos narrativos que sugerem novas leituras interconectadas com

o seu enredo. Essa conexão é reforçada com a criação de diálogos entre as personagens virtuais no *Twitter*. No espaço das informações sobre a produção do vídeo *blog* são colocados, de modo estratégico, os links com as contas sociais de Carol (Capitu), Bentinho e Rodrigo Escobar. Esses *links* convidam o usuário internauta interessado na história a investigar as redes sociais das personagens e mobilizar pistas para sustentar as interpretações da narrativa do *vlog*.



Disponível em <https://twitter.com/rodrigoescobaar>. Acesso em 12/03/2016.

A criação de ficção na rede social *Twitter* não é novidade. Denominadas de *Twitter Fiction* ou *Twitterfiction*, este tipo de narrativa teve sua origem em 2008 e 2009 e foram ganhando tal destaque que em 2012, a equipe do *Twitter* promoveu o *Festival Twitter Fiction* que ainda se realiza na cultura da era digital. O livro *Twitterature* publicado pela Penguin Book é um exemplo de ficção proveniente dessa rede social. O escritor e ator brasileiro Michel Melamed, um dos escritores remanescentes dessa mídia social, lembra que não é novidade esse formato de literatura: “Existem livros clássicos de aforismo, o haikai vem de muitos sonhos antes do twitter existir. É uma linguagem curta. O Nietzsche, o Millôr, todos de certa forma tuitaram.” O intérprete de Bento Santiago, na fase adulta na série *Capitu*, da Rede Globo de televisão, diz que o que tem de interessante em produzir literatura nas redes sociais é a resposta a uma capacidade interativa: “novas circunstâncias surgem de diálogos literários. No final, talvez, tudo seja uma grande composição coletiva.” (<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/09/05/2014>).

Entre as modalidades ficcionais criadas no *Twitter* estão as paródias, que consiste em criar uma personalidade ficcional e escrever seu ponto de vista sobre determinado assunto; as ficções colaborativas, categoria em que diferentes pessoas postam conteúdos no ambiente, criando uma história partilhada e conjunta; as histórias

imagéticas, realizadas pela publicação de fotos em sequência, semelhante à fotonovela; e as múltiplas personalidades, quando um único autor cria diferentes contas para diferentes personagens fictícios, que se interagem para formar a narrativa. A *twitterficction Papo de Carol* aposta nessa última modalidade. Os realizadores da ciberadaptação criam e configuram perfis reais para as três personagens machadianas com a intenção de estabelecer um nexos narrativo por meio da interação entre eles. A história do triângulo amoroso é planejada de acordo com a forma do meio digital e preparada para estabelecer o fluxo narrativo nesse ambiente. Assim, não é o meio *online* que se adapta à história da mídia impressa, mas a história de *D. Casmurro* que se oferece e se molda a ele.

Ao evocar a narrativa machadiana e relê-la no contexto das plataformas *online*, a ciberadaptação *Papo de Carol* convida-nos a compreender a tradição do clássico nacional em meio a ubiquidade e multiplicidade de mídias e gêneros, estabelecendo uma conexão entre a trama narrativa que encontramos em *D. Casmurro* e os meios de comunicação contemporâneos. Produções como estas atraem o público leitor da internet de volta a esses textos da tradição literária, colocando-os, novamente, nos círculos de leitura. O envolvimento do público e a audiência coletiva nas redes *online* estão mudando as formas de engajamento com as narrativas literárias. A promessa de participação na arte e na cultura, ocasionada pela expansão e acesso aos recursos da mídia tecnológica, proporciona a geração emergente de consumidores de mídias e gêneros tornar-se criadora de seu próprio conteúdo. Jenkins denomina este comportamento de nova cultura participativa, observando que “o momento atual de transformação midiática está reafirmando o direito que as pessoas comuns têm de contribuir ativamente com sua cultura.” (JENKINS, 2008, p.182). O apelo maior de *Papo de Carol* reside no prazer da experimentação de trazer o clássico machadiano para reinventá-lo em novas formas narrativas do ciberespaço. Sobre a questão de se limitar a padrões, processos e métodos para se construir projetos transmídias ou estabelecer parâmetros negativos e positivos sobre esse tipo de experiência narrativa, o pesquisador da área, Vicente Gosciola, diz que:

Não acredito em modelos, a comunicação só é criativa fora dessas amarras. A teorização sobre a narrativa transmídia também depende desse desprendimento. Seria raso demais enumerar o positivo e o negativo da narrativa transmídia; as estratégias de comunicação assim são: as vivas têm seus defeitos, mas são bem –sucedidas apesar disso ou exatamente por isso, enquanto que as estratégias mortas.... (GOSCIOLA, IN: MITTERMAYER, 2014, s/p).

Gosciola observa ainda que a narrativa transmídia “não pede para ser glamorosa ou contundente, ela só quer estar junto a seu público, que não é um público específico de transmídia – que não existe – mas é o público que quer histórias, onde estiver, e delas participar.” (GOSCIOLA, IN: MITTERMAYER, 2014, s/p). Maurício Mota, um dos pioneiros na prática de experimentos transmidiáticos no Brasil, também enfatiza a importância da história, lembrando que as pessoas preocupam-se mais com as plataformas e se esquecem do conteúdo e qualidade das histórias, sendo que o foco deve ser “SEMPRE” a história: “o processo e o método mais importante a ser explorado é o de construir boas histórias. O transmídia vem depois.” (MOTA, IN: MITTERMAYER, 2014, s/p). O clássico machadiano continua vivo porque transcende as restrições e limitações de uma narrativa criada para se expressar apenas em uma única mídia. *D. Casmurro*, como observou Calvino sobre o clássico, exerce tal influência particular que se impõe como inesquecível e se “oculta nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual.” (CALVINO, 1993, p. 11). A versão da narrativa machadiana que chega ao novo meio pode parecer de segunda mão para aqueles que viveram ou vivem a experiência de ler Machado somente na mídia impressa, mas pode ter sua fascinação e interesse para os leitores internautas, além de representar contribuições adaptativas na *web 2.0*. que, embora feitas por experiências emergentes de iniciantes, poderão alimentar a permanência do clássico nos novos meios de comunicação.

Referências:

- ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Obra Completa, São Paulo: Nova Aguilar, 2004.
- CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da adaptação*. Trad. André Chechinel. 2 ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2013.
- JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. Trad. Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2008.
- LAFLOUFA, Jacqueline. #TwitterFiction, o festival de literatura de ficção do Twitter, começa em maio. Disponível em <http://www.b9.com.br/55378/social-media/twitterfiction-o-festival-de-literatura-de-ficcao-do-twitter-comeca-em-maio>. Acesso em 30/04/2016.

LIRA, Klaus Roger. “Papo de Carol: Uma Releitura de Machado de Assis em Tempos de Convergência” In: *Intercom* – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXII Prêmio Expocom 2015 – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação. Disponível em

<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/expocom/EX47-1779-1.pdf>.

Acesso em 01/03/2016.

MITTERMAYER, Thiago. “Narrativa transmídia – entrevistas com Vicente Gosciola e Maurício Mota” In: *Sociotramas Wordpress*. 22 de abril de 2014. Disponível em <https://sociotramas.wordpress.com/2014/04/22/narrativa-transmidia-entrevistas-vice-gosciola-e-mauricio-mota/> Acesso em 03/05/2106.

NONTESANTI, Beatriz. MAGENTA, Matheus. “Literatura pelas redes sociais tem adesão de autores consagrados”. In: *Folha ilustrada*, 09/05/2014. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/05/1451933-literatura-pelas-redes-sociais-tem-adesao-de-autores-consagrados.shtml>. Acesso em 30/04/2016.

Papo de Carol #1 - *Relacionamentos à distância*. (Vídeoblog – 3:16) Publicado em 23 de novembro de 2014. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=KwnBXX9icrA>. Acesso em 12/03/2016.

Papo de Carol #2 – *Ciúmes* parte I. (Vídeoblog – 3:54). Publicado em 27 de novembro de 2014. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=_x_xCELyG_A. Acesso em 12/03/2016.

Papo de Carol #3 - *Ciúmes* parte II. (Vídeoblog – 3:54). Publicado em 28 de novembro de 2014. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=NbvjVOAlhj4>. Acesso em 12/03/2016.

RYAN, Marie-Laure. “Narrativa Transmídia e Transficcionalidade” In: *Está tudo misturado*: a aproximação cada vez mais forte entre as diferentes artes. Revista Celeuma, número 3, dezembro de 2013. 32 p. Disponível em www.mariantonia.prceu.usp.br. Acesso em 20/04/2016.